

HABITAR NOS AVESSOS DE SI

Resenha de:

RIVERA, Tânia. **O avesso do imaginário**: psicanálise e arte. São Paulo: Cosac Naifty, 2013.

Iza Maria de Oliveira¹

“Habitar é deixar rastros” (W. Benjamin)

A obra *O avesso do imaginário: arte contemporânea e psicanálise* (2013) é um trabalho cujo fio, deste o início até o final, conjuga rigor e sensibilidade. Rigor com o sensível: da percepção à transposição de uma afetação ao campo da linguagem, do que é transmissível pela palavra e do que se encontra como irreduzível nos limites da própria palavra. Assim, essa obra não cessa de apresentar o valor de uma pesquisa que advém de um trabalho cuidadoso de reflexão e de escrita. Esta obra de Tania Rivera é testemunhal na seriedade e rigor da força de um pensamento e de um posicionamento frente a um pensamento. A autora leva às últimas consequências as propriedades de um estudo crítico: problematiza as questões, as desconstrói, apresentando vários ângulos, observando-os de distintas perspectivas. Um destes estudos é com a leitura do enunciado freudiano “o eu não é o senhor em sua própria casa”, que será apresentado adiante.

Para abordar um recorte da leitura do *O avesso do imaginário*, serão destacados dois elementos que podem expressar o contexto de um “avesso”: as apresentações da autora sobre a fita de Moebius e as referências ao enunciado freudiano “o eu não é o senhor em sua própria casa”.

Desde o início, a autora lança mão da figura topológica da fita de *Moebius* como elemento metafórico da conexão entre arte e psicanálise. Ela menciona: “Gosto de pensar na relação entre arte e psicanálise como uma fita de Moebius”, e prossegue, “Assim como posso, passeando o dedo por sua superfície, passar de dentro pra fora e logo, em continuidade, de fora para dentro, tento deslizar entre os dois campos de modo a dar voz a um, ora ao outro, pondo em prática uma torção que talvez defina a ambos” (p. 9).

¹ Psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica PUC-SP.

Uma figura que põe o imaginário pelo avesso, rompendo radicalmente com os lugares de dentro e fora, possibilitando, assim, produzir uma travessia numa torção de posições. É assim que a autora apresenta obras de Gary Hill, Ligia Clark, Mário Pedrosa, Waltercio Caldas, Cildo Meireles, Ernesto Neto, Louise Bourgeois, Milton Machado. Esta travessia que nos convida por tais obras, longe está de um psicanalista a procura de comprovações conceituais. Através de sua leitura, revira nosso imaginário, convocando a uma posição de pensamento, de reflexão, de desacomodação com o lugar que nos encontramos. Trata-se de um pensamento criativo convidando o leitor, continuamente, a exercitar o seu.

A autora assinala que com o conceito de objeto *a*, Lacan propõe outro modo de imaginarização em que “no vislumbre do real que aí se dá uma intransponível impossibilidade de simbolização” (p. 160). Assim, Rivera sublinha que não se trata de chegar a uma definição ou descoberta imediata do que seria o avesso do imaginário, o que poderia ser uma forma de encobri-lo com mais uma construção imaginária, mas de “acompanhar algumas de suas desorientadoras travessias, algumas de suas possíveis travessuras” (p. 160).

Esta figura também possibilita estabelecer uma concepção lacaniana de sujeito. Este nada mais é do que uma torção, peregrinando por essas superfícies em que não há ruptura entre o dentro e o fora. Essa casa por onde sempre podemos caminhar.

O outro recorte da obra de Tânia Rivera em que apresenta na sua formulação máxima a injunção entre sensibilidade e rigor são suas leituras e abordagens acerca do enunciado freudiano: “O eu não é mais o senhor de sua própria casa”. Ela interroga por que Freud remete a uma referência espacial/arquitetônica para falar do eu em sua relação com o inconsciente.

A única casa possível é o espaço compartilhado. Isso que o denego enuncia: não é atributo de ninguém, ele é sempre um chamado, um apelo ao outro. Nessa partilha que implica uma despossessão do sujeito. “O homem encontra sua casa num ponto situado do Outro para além da imagem de que somos feitos. Esse lugar representa a ausência em que estamos” (Lacan, 2005, p. 58). O íntimo que ele se refere, denomina *êxtimo*, o que é radicalmente singular e, no entanto, vem de fora. A casa do homem está para além da imagem, ela é um lugar de ausência e descentramento. O inconsciente desalojou o eu.

Cildo Meireles, comentando aquele enunciado freudiano, diz: “pensando bem, o homem não é senhor em lugar algum. Essa foi uma espécie de falácia milenar. Mas talvez necessária” (Rivera, 2013, p. 337).

Este enunciando freudiano faz alusão direta ao espaço e ao lugar, e a relação de poder. Pode-se extrair da negativa deste enunciando que há moradas, habitações, deslocamentos não numa relação de servidão, mas de partilha. Se ele retira o senhor, pode dar lugar a relações de alteridade. Assim, pode-se conceber a fita de Moebius como a nova morada do sujeito. Porão e sótão podem se alterar continuamente.

O avesso do imaginário é uma obra para habitar. Eis uma das maiores delicadezas desta produção. O leitor sempre está lá, acolhido, podendo acompanhar com paciência às construções do texto, às investigações em que não há fechamentos, nem por isso, prescinde de extremo rigor. O próprio *O avesso do imaginário* é uma fita de Moebius, convidando o leitor a pôr o sujeito para habitar fora de si. Uma morada no campo da arte e psicanálise.

Referências

- Lacan, J. (2005). *O Seminário*, Livro 10, A angústia. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rivera, T. (2013). *O avesso do imaginário: arte contemporânea e psicanálise*. São Paulo: Cosac Naify.

Recebido em 04/03/2014

Aprovado em 10/04/2014

©2014 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista